



## O Construtor

**Virtude:** Contrôlê perfeito do temperamento e da língua.

**Vício oposto:** Uma disposição impaciente, brigosa e malévola.

**O Construtor:** "Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso". (300 dias de indulgência).

**O Ajudante:** "Imaculada Rainha da Paz, rogai por nós". (300 dias).

**Método:** Começa o dia com atos de mansidão. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; dizê estas grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste, marcando o número num caderninho comparando-o com o do dia anterior.

**Mansidão** não é nem fraqueza nem covardia. É tal força de caráter e tanto equilíbrio mental que temos um contrôlê perfeito de nossa natureza irascível. O manso é sempre calmo e paciente, pacífico e firme, moderado no falar, gracioso em maneiras, porém, sempre intrépido e corajoso na ação. Mansidão é uma delicada mistura das três virtudes da temperança, da fortaleza e da caridade: A temperança mantém em cheque as explosões do temperamento (gênio); a fortaleza torna-nos capazes de carregar as cruzes com um sorriso; a caridade ajuda-nos a sermos considerados e serviços tanto para com amigos como inimigos. — "Bemaventurados os mansos; pois, possuirão a terra". Eles possuem suas almas em paz, já que se acham em paz com Deus, consigo mesmos e com o próximo. Mas o homem irado está irado consigo mesmo, por ter-se irritado; ele está vexado consigo mesmo por ver-se vexado. A ira, qual um fogo devorador, destrói todo o vestígio de paz no seu coração. Maria, porém, é a Rainha da paz. Quão pacífica com seus vizinhos! Quão pacífica no meio dos mais cruéis episódios da Paixão e Morte de Cristo! Com o Ajudante rogamus-lhe: "Imaculada Rainha da paz, rogai por nós", para qua permaneçamos calmos e pacíficos em tempos de provações e sofrimentos.

**Antes da tentação:** O pensamento irado, nutrido secretamente, acorda no coração desejos de ódio e de vingança, que provocam tempestades violentas de mau humor. Estamos realmente admirados com sua violência e perversidade. Não deveríamos espantarnos, entretanto. Não nutríamos secretamente nossos agravos esperando meramente a nossa vez de nos unir à baixa ralé diante do tri-

## L I V R O S

**Uma Estrada de Damasco**, por Katherina Burton; Livraria José Olympio Editora; Rio de Janeiro; 1945. — O subtítulo afirma tratar-se neste livro de uma biografia de Rose Hawthorne Lathrop, filha menor do célebre escritor americano Nathaniel Hawthorne. Mas há mais do que um relato de uma vida. Este volume abre-nos perspectivas interessantes sobre a história e a vida literária e artística americana da segunda metade do século passado. A obra, sobretudo, é um hino grandioso à Divina Providência. Muitos perguntar-se-ão, por que se dá tanto espaço ao pai da biografada. É que o protestante Nathaniel, com sua vasta cultura e, principalmente, com seus princípios profundamente cristãos, preparava a volta da filha para o seio da Igreja católica. Rose tornou-se católica. Mas não uma católica qualquer. Ela pegou a essência da doutrina católica, graças à preparação administrada pelo exemplo de caridade do pai e da mãe. Assim não admira que Rose, a escritora e artista de fino gosto, se dedicasse nos últimos 25 anos de sua vida ao cuidado pelos incuráveis abandonados. A criança

bunhal de Pilatos, exigindo o sangue do Redentor inocente? "Aprendei de mim", replica o manso Redentor, "pois, eu sou manso e humilde de coração, e vós achareis paz para as vossas almas". Aquêlê maravilhoso equilíbrio mental e aquêlê perfeito domínio de si mesmo na mais trágica situação! Que prudência consumada no trato com seus discípulos rudes e indisciplinados! Quanta sabedoria e firmeza com os intrigantes escribas e fariseus! E o completo contrôlê de si mesmo nos tribunais de Anás, Caifás, Herodes e Pôncio Pilatos! Como uma torre de força moral e fortaleza. Eie calmamente arrosta os ataques furiosos dos poderes do mal nas alturas do Calvário. Aspirações frequentes de mansidão aprofundam o exemplo heróico de Jesus nos nossos corações e inspirarão um contrôlê semelhante na nossa vida de cada dia.

**Durante a tentação:** Raiva é como vício é um desejo injusto, irrazoável e imoderado de castigar a outros. Muitas vezes é acompanhada de ódio e vingança. Sem o contrôlê da razão, sua violência não conhece limites, e muitos são os pecados da língua contra a justiça e a caridade. — Ao primeiro sinal de ira ou raiva, deixa a razão pronta e firmemente tomar conta da situação. Com frequentes aspirações de mansidão como

voluntariosa, dotada de grande inteligência e de uma vontade indomável, que se entusiasmava diante das obras de arte, conseguiu ver os reflexos da Eterna Beleza nos rostos desfigurados pela terrível doença. Não havia dificuldades que pudessem fazer sosobrar sua confiança em Deus. Purificada e iluminada pela vida religiosa, deu Rose Hawthorne Lathrop o exemplo da verdadeira grandeza humana, exemplo tão precioso e necessário nos nossos tempos de fraqueza e egoísmo. — Sec. C.

**A Cidade dos Naufragos, Um Tesouro Caído do Céu, O Capitão Chang-Fú, Aconteceu no Panamá**, por Charles Hamond; Edição Romano Torres; s. l.; s. a. — Se estes quatro volumezinhos não podem ter pretensões quanto ao valor literário, satisfarão contudo o gosto de nossos rapazes pelas histórias de aventuras. É cousa sabida que leituras desta espécie, muitas vezes, aplainam o caminho para obras mais sérias. Além disto, estes atraentes livrinhos não contêm nada que possa ofender ou superexcitar a fantasia juvenil. — Sec. A.

atos de virtude, os pensamentos de agravos e injúrias pessoais são subjugados aos poucos, equanto as aspirações como orações requerem do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, Rainha da paz, a graça de imitar o exemplo maravilhoso de Cristo. Cada aspiração repetida coloca um selo sobre os lábios irritados que, agora, estão empenhados com orações.

**Depois da tentação:** "A ira se abriga no coração de um louco". Com que exatidão verifica o raivoso a verdade desta frase! Ele perdeu a estima de si mesmo e a honra; sacrificou a confiança e a amizade dos outros. Sua consciência acusa-o de pecados de injustiça, de falsidade, de maledicência e arrogância. A raiz da perturbação está bem dentro de seu coração. Não fôsse ele tão egoísta, tão melindroso, tão ciumento e obstinado, não seria ele a vítima de sua raiva e ira. Frequentes jaculatórias oferecidas no espírito de reparação e satisfação estão agora indicados a-fim de reparar o passado e de desfazer de algum modo as injustiças cometidas contra Deus e o próximo. Seu valor impetratório alcançará a graça de iluminar a nossa mente para compreender a loucura do mau humor, enquanto seu valor construtivo fortalecerá a vontade na sua resolução de praticar o equilíbrio mental a qualquer preço.

Charles A. Imbs, S. J.

## Cantinho Litúrgico

A Santa Missa é essencialmente SACRIFÍCIO. E como sacrifício é ela a forma mais sublime da veneração que podemos tributar a Deus Nosso Senhor.

O sacrifício é o oferecimento feito a Deus de um objeto sensível por meio de uma mudança ou transformação, afim de assim reconhecer a absoluta majestade e soberania de Deus e a dependência total e a sujeição irrestrita do homem.

Quatro elementos distinguimos como indispensáveis num verdadeiro sacrifício: a) a dádiva oferecida; b) o modo de oferecer esta dádiva; c) a finalidade dêste oferecimento; d) significação das cerimônias que acompanham o oferecimento.

a) A dádiva — que recebe os nomes de vítima ou hóstia — deve corresponder à finalidade do sacrifício. Por isso, vem em questão somente as cousas mais preciosas. E não há cousa mais preciosa, no mundo sensível, do que a vida humana. E, embora supere tôda a compreensão humana, somos capazes de ver a lógica inexorável que levou a Jesús a sacrificar-se por nós, entregando a sua vida a Deus sobre o altar da cruz. E, pela vontade de Jesús, repete-se êste sacrifício todos os dias, na sta. Missa sobre os nossos altares. O modo é diferente daquele sacrifício sangrento no Calvário. Mas, na sta. Missa, são transformadas as dádivas, a hóstia e o vinho, no Corpo e no Sangue de Jesús. Nisto consiste a morte mística de Jesús. Nisto consiste o sacrifício do Novo Testamento.

b) Não qualquer cousa ofertada a Deus é já um sacrifício. O sacrifício requer que haja uma mudança ou transformação da dádiva. O que verificamos na Consagração das espécies na sta. Missa.

c) A finalidade do sacrifício é a adoração de Deus. Por isto, a sta. Missa é oferecida a Deus somente.

d) Só Deus pode determinar o modo pelo qual se Lhe ofereça o sacrifício. Os elementos principais da sta. Missa nos vêm imediatamente de Jesús Cristo.

É de notar ainda que não um homem qualquer pode oferecer o sacrifício a Deus, mas somente aquêlê que foi escolhido e ordenado para tal, o sacerdote.

# ESCOLA DE GUERRA

(III)

5. "As Congregações Marianas devem ter suas reuniões (1) ao menos uma vez por semana (2), no dia e hora que as suas Regras ou costumes particulares determinarem. Se não houver impedimento especial, convem que a reunião geral da Congregação se faça todos os domingos e dias santos de guarda (3). Estas reuniões não devem omitir-se nos dias determinados, senão por motivos muito fortes, e ainda nos meses de verão se não devem interromper, a não ser no caso de estarem ausentes os Congregados, ou de haver outro impedimento (4)".

**Comentários:** (1) Se as Congregações devem ter suas reuniões, estas reuniões DEVEM ser frequentadas pelos congregados. A C. M. não conhece "congregados honorários", que assistam a uma ou outra reunião, quando, por acaso, não tiverem que fazer outra coisa. A frequência das reuniões é um dos sinais característicos que qualificam o valor de uma C. M. como o dos seus membros.

(2) Existem ainda CC. MM. com reuniões mensais. Ao não ser que se trate de CC. MM. afastadas da matriz de uma paróquia, cujos membros realmente não possam reunir-se mais que uma vez mensalmente, o costume da reunião mensal é um abuso. Tal C. M. nunca será o que deveria ser: uma associação de católicos exemplares, capazes de sacrifícios em honra de sua Mãe celeste.

(3) Este inciso reforça o que foi dito em (2), exigindo que, além da reunião semanal, possivelmente nos domingos, se aproveitem os dias santos de guarda para mais outra reunião. Quanto à escolha do domingo para as reuniões semanais é de notar que isto constitui o ideal, já porque contribui para que o terceiro Mandamento da Lei de Deus seja mais amplamente observado. Entretanto, haverá muitos casos, em que as reuniões não se podem realizar aos domingos.

(4) De fato, não se vê, porque o congregado deveria relaxar nos seus esforços de santificar-se, de trabalhar pela salvação do próximo e de defender a Igreja justamente na época em que tudo conspira para destruir em poucos dias o que se alcançou num esforço penoso durante longos meses. E é nas férias que o congregado manifesta o seu valor. Nos Internatos não será possível continuar as reuniões durante as férias; mas os congregados podem, como hóspedes apreciados, tomar parte nos exercícios da C. M. do lugar, onde passarem os meses de verão.

6. "Os exercícios destas reuniões costumam ser (1):

Invocação do Espírito Santo pelo hino Veni Creator;

Leitura de um livro piedoso du-

rante dez ou quinze minutos, enquanto se reúnem os Congregados;

Anunciar, onde fôr costume, as festas dos Santos e o calendário de cada semana, quer seja o comum, quer o próprio e aprovado para estas Congregações;

Cantar as Matinas ou Vésperas do Ofício pequeno de Nossa Senhora, conforme a reunião se fazer de manhã ou de tarde. Este Ofício pode ser substituído por outro qualquer de Nossa Senhora; Ereve exortação feita pelo Diretor sobre coisas atinentes ao proveito espiritual dos Congregados;

Finalmente, recitação das Ladinhas de Nossa Senhora ou de algumas orações ao Padroeiro secundário da Congregação, ou outras que o costume tiver introduzido".

**Comentário:** (1) Esta regra tem valor diretivo, indicando o que se pode fazer durante as reuniões. Entretanto, algumas cousas indicadas nunca podem faltar. Assim, p. ex., não conviria contentar-se com o canto do Ofício, omitindo-se a exortação feita pelo Diretor. Isto seria mais cómodo para o Diretor; mas havia de afastar da C. M. justamente os elementos mais preciosos. — Muitas vezes, a brevidade do tempo que está à disposição, exigirá a omissão de um ou mais dos utros exercícios indicados.

(Contin.)

## E' Bom Saber...

— A Associação Cristã da Universidade Yale (U. S. A.) se esforça por realizar um forte programa religioso na Universidade Yale. A associação não hesitou em afirmar que a universidade que não promove uma vigorosa vida religiosa entre os estudantes, negligencia uma de suas maiores responsabilidades como universidade.

— Afirma-se que o cardinal Faulhaber de Munich requereu licença para construir um convento e um santuário no lugar onde funcionava o campo de concentração de Dachau, afim de que esse cenário de indizíveis crimes se transforme num centro de peregrinações.

— H. G. Wells está certo de que a bomba atômica significa o fim da humanidade, que será substituída por um novo tipo de mamíferos.

— Uma diretora de um grupo escolar no Estado de Illinois reclamou contra o uso da escola para o ensino religioso como sendo contra a constituição do país. O tribunal encarregado com a decisão opinou: se a constituição não

# A árvore imortal

"Com mil demônios! Faze isto mais uma vez e em vez de um boné vermelho, terás uma gravata vermelha. Você, bicho danado!"

Esta cena não se desenrolava, como se poderia estar inclinado a supôr numa taverna; mas na capela do Seminário Irlandês em Paris. Foi em fins de 1791 que o clube dos Jacobinos, aquela horda sanguinária, escolheu o santuário como sua sede social. A mesa de comunhão serviu de banca para sua jogatina. Baralhos e dados, numa mistura sacriliga, eram manejados onde, antigamente, almas generosas de moços ardentes iam receber o Pão da Vida, em preparação para uma vida dura de trabalhos e perseguições e uma morte possível de mártir.

Agora berravam e praguejavam jacobinos beberrões, no recinto sagrado.

Cairam os dados, e um dos jogadores, vendo que perdera a jogada, acusou o parceiro de ter feito trapaças. Daí a ameaça de morte. Mas um companheiro aproxima-se, trópego. Na mão segura um cálice dourado, roubado da sacristia. A cachaça é derramada por todos os lados. E com voz rouca grita o homem para os litigantes:

"Calma, cítoyens, calma! Não façam bulha por causa do dinheiro! Há ainda bastante arame em Paris. Vamos! bebamos e cantemos!"

E começa a berrar: "Ah, ça ira, ça ira, ça ira!..." "E todos os mais o acompanham nesta canção que reclama o sangue dos aristocratas. "Les aristocrates à la Lanterne!"

A dois passos de lá, na biblioteca do Seminário, acha-se um venerável ancião. É um bispo prêso. Diante d'ele está ajoelhado um jovem. Ele sabia arranjar tudo para que o bispo, apesar da vigilância dos jacobinos pudesse celebrar a Santa Missa — sua última Santa Missa! E durante esta última Santa Missa, foi criado um novo sacerdote.

"Ah, ça ira, ça ira, ça ira! Les aristocrates à la lanterne!" Assim cantava o coro diabólico. E eis que alguém inventa uma variante. "Ah, ça ira, ça ira, ça ira! Les prêtres à la Lanterne!"

Um berreiro satânico acolhe a nova versão.

O jovem sacerdote, obediente às ordens do bispo, foge da prisão.

Mal vê-se na rua e já começa o seu ministério. Entra aqui numa padaria, como se quisesse comprar pão. Mas, às escondidas, traz êle o Pão sagrado. Bate ali na porta de um sapateiro. Não precisa de sapatos ou de meia sola. Mas há uma criança a ser batizada.

permite ação contra o ateísmo da sra. diretora, também não permite qualquer ação contra aqueles cidadãos que querem reverenciar a Deus.

da, há uma velha a ser sacramentada, e toda a família aproveita a ocasião para se confessar.

Na rua, o jovem sacerdote verifica que está sendo observado. Sabe que a muitos se tornou suspeito. E que é aquilo, aí no mercado? O retrato d'ele. E debaixo está seu nome e a promessa de mil francos ao homem que prendesse o Padre José Coudrin.

Este, no seu disfarce de soldado da Guarda Nacional, aproxima-se afoitamente da sentinela posta ao pé do cartaz fatídico.

"Bonita soma", diz o Padre Coudrin. "Gostaria de ganhá-la. Saberia o que fazer com o cobre".

O outro acha que êle também aguentaria um pequeno soldo extra. E já que havia pouca probabilidade de o Padre Coudrin se apresentar, a sentinela procura uma taverna. O sacerdote acompanha-o metade de uma quadra. Então entra numa casa da qual sai pelos fundos. Escapou mais uma vez à guilhotina.

A gloriosa revolução acabou ingloriosamente. O povo, em nome do qual se tinha saqueado e assassinado, era mais pobre e miserável do que antes. E o poder real passara para as mãos de um ditador, ávido da glória pessoal.

O Pe. Coudrin fundou uma congregação de sacerdotes, de missionários. Seus filhos deveriam sacrificar tudo; deveriam abandonar bens e família; deveriam estar prontos a renunciar à própria vida para salvar almas.

Eis que um dia se apresenta um moço forte. As suas mãos caledadas mostram que está acostumado a trabalhos pesados. Também ele abandonou tudo, até aquela piedosa moça com a qual queria fundar um lar. Veiu apresentar-se para ser pai de centenas de almas abandonadas.

Depois de longos anos de estudos, Damião de Veuster — que assim se chamava o jovem campônio — pôde seguir para as missões da Oceania. Lá ensinava e plantava, batizava e construía igrejas e capelas. Mas um dia foi perguntado, se estava pronto não para morrer, mas para ser enterado vivo no túmulo do leprosário de Molokai.

Estava pronto. Foi para o deserto. Contraíu no serviço dos mais abandonados dos homens a terrível moléstia. Morreu.

Morreu, mas depois de ter dado a vida sobrenatural a milhares de almas. Morreu, mas depois de ter dado o exemplo da generosidade. Morreu, mas depois de ter suscitado a vida em centenas de jovens.

Damião é uma das frutas sazonadas na viridente árvore da Igreja. Os ramos e galhos velhos secam e morrem. Mas a árvore continua a viver.